

## **TV universitária e protagonismo estudantil: estratégias de promoção da autonomia na TV UESC no contexto da cibercultura<sup>1</sup>**

Betânia Maria Vilas Boas BARRETO<sup>2</sup>

Rita Virginia ARGOLLO<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### **RESUMO**

A partir das ideias de Freire (2005) e Sousa Santos (2011), refletimos sobre o processo de ensino-aprendizagem na TV UESC, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia. Compreendemos que é necessária a constante reelaboração das práticas educativas, levando em consideração a formação discente permeada pela cibercultura, entendendo o papel do docente como mediador da construção de saberes e como articulador da autonomia e protagonismo juvenis.

**PALAVRAS-CHAVE:** autonomia; cibercultura; TV UESC; protagonismo estudantil.

### **Educação no contexto da cibercultura**

Desde o advento da internet, o panorama que foi sendo modelado no ciberespaço pareceu um movimento inconsciente rumo a uma liberdade no fluxo de informações e conhecimento entre as pessoas de qualquer parte do planeta — o que viria a se tornar possível com a proliferação do acesso à rede. A expansão para a web gerou, para as TVs Universitárias, pelo menos três eixos principais de benefícios, que se complementam: a difusão do conhecimento, com a possibilidade de fluxo dos materiais audiovisuais produzidos; a intensificação da aprendizagem colaborativa e o exercício da aprendizagem informal.

Quanto ao primeiro eixo, a fim de reforçar a importância da web para a difusão de produtos deste tipo de TV, recorremos a Santos (2011), que destaca o desejo de Tim Berners-Lee, criador da web<sup>4</sup>, pela liberdade do trânsito de informações que o seu invento proporcionaria.

A ideia básica da Web é ser um espaço de informação por meio do qual as pessoas possam se comunicar, mas de uma forma especial: por meio de uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, doutora em Educação (UFPB), professora do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: [bete\\_vilas@hotmail.com](mailto:bete_vilas@hotmail.com)

<sup>3</sup> Jornalista, doutora em Educação (UFBA), professora do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: [rvargollo@yahoo.com.br](mailto:rvargollo@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tim\\_Berners-Lee](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tim_Berners-Lee) Acesso em: 28 jun. 2019.

---

rede onde partilhem seus conhecimentos. A intenção não era que ela fosse apenas um grande meio de navegação, e sim, que todo mundo colocasse suas produções, bem como tivesse acesso a outras (LEE, Tim Berners, 1999, tradução nossa)<sup>5</sup>.

O propósito de uma rede que levaria à livre troca de conhecimento e informação começou a se tornar realidade a partir da Web 2.0, que veio ampliar e potencializar a participação da comunidade nos espaços da web. É seguindo essa lógica da partilha e da facilidade de ocupação de espaços na web por qualquer indivíduo que diversos estudos propõem que os educadores se aproximem deste ambiente de comunicação.

A utilização de serviços da Web Social ou Web 2.0 em contexto educativo tem vindo a revelar-se como uma prática com potencial para induzir transformações significativas nas metodologias de ensino utilizadas nas instituições de Ensino Superior. Investigações recentes têm demonstrado que a utilização destas ferramentas em contexto educativo potencia o desenvolvimento eficaz da comunicação, da partilha e da colaboração entre os membros de uma comunidade, contribuindo para a promoção de aprendizagens relevantes para os respectivos membros (SANTOS, 2011, p.98).

Uma vez que as demandas por uma comunicação eficaz, mediante o fluxo das produções da uma TV Universitária, estão no cerne das fragilidades de um projeto desta natureza, é preciso que os professores estejam atentos para o potencial a baixo custo viabilizado pela internet, aliado às características intrínsecas a uma geração que nasceu e cresceu com as TIC presentes no seu dia a dia, representada pelos alunos que atuam nestes projetos. O desenvolvimento tecnológico alargou sua ação para os diversos ambientes possíveis, e a escola, de uma maneira ampla, também deve se aproximar destes dispositivos.

Ao alterar a forma como os utilizadores interagem com a Internet, o software social<sup>6</sup> repercute essa evolução no campo educativo e na forma como os indivíduos processam, organizam e partilham o conhecimento. A rede (re)define-se como um terreno de expansão das fronteiras da criatividade, visíveis no crescimento da publicação de obras de arte, fotografias, ficheiros de áudio e vídeo e a sua divulgação em *blogs*, *wikis*<sup>7</sup>, *podcasts* e uma grande

---

<sup>5</sup>Tim Berners-Lee no LCS 35th Anniversary Celebrations, em Cambridge, Massachusetts, em 14 de abril de 1999. A seguir, trecho transcrito da fala do autor: “The basic ideas of the Web is that an information space through which people can communicate, but communicate in a special way: communicate by sharing their knowledge in a pool. The idea was not just that it should be a big browsing medium. The idea was that everybody would be putting their ideas in, as well as taking them out”. Disponível em: <http://www.w3.org/1999/04/13-tbl.html> Acesso em: 28 jun. 2019.

<sup>6</sup> Termo também usado para designar o panorama de recursos para uso da internet a partir da Web 2.0.

<sup>7</sup>Software que permite a elaboração coletiva de documentos, dispensando revisões e viabilizando a publicação imediata dos conteúdos.

---

variedade de canais de distribuição entre pares (ARESTA; MOREIRA; PEDRO, 2011, p. 102).

No que tange ao segundo eixo, relacionado à divulgação maior que a web pode gerar aos projetos de extensão universitária, o caráter catalizador da partilha de conhecimentos inerente à Web 2.0 é o que torna possível o encontro de pares que também compartilham suas produções por meio da internet. No caso específico de uma TV Universitária, a apropriação do ambiente da web pode levar ao encontro com outros produtores de audiovisual, além de integrantes de outras TVs Universitárias, intensificando a aprendizagem colaborativa. O trabalho de criação televisiva é realizado, essencialmente, em parceria, sendo sempre resultado de um esforço em grupo. Quanto mais entrosada está a equipe, melhor o resultado final. É quase impossível, devido às especificidades da criação de um vídeo, que este tipo de produção seja elaborado isoladamente. Assim, os esforços de profissionais variados se complementam, visando um único objetivo final. O que a web poderia proporcionar seria a ampliação destas ações, na medida em que as ferramentas de compartilhamento podem ser usadas para ampliar parcerias criativas.

Os jovens experimentam a lógica colaborativa nos processos de construção do conhecimento em suas práticas culturais. Esta postura permanece quando tal prática é mediada pelas tecnologias digitais. Embora a colaboração não seja uma característica dos artefatos digitais, estes instrumentos podem intensificar e facilitar as trocas. Não faz sentido pensar que apenas o uso de tecnologias pode promover mudanças nos processos de ensino-aprendizagem<sup>8</sup>, já que, muitas vezes, equivocadamente, o sistema educacional adota práticas pedagógicas nas quais os aparatos técnicos assumem um papel instrumental (ROSA, 2011). Desta forma, é preciso que se reflita sobre uma educação mediada pelas TIC, onde as relações com o saber passam por (re)significações — e não simplesmente pela reprodução de práticas arcaicas meramente acrescidas de técnicas viabilizadas pelos processos comunicacionais e tecnológicos.

---

<sup>8</sup> Em consonância com o pensamento de Rosa (2011), a opção feita aqui é pelo uso da expressão “processos de ensino-aprendizagem”, por entender a inviabilidade de ensino e aprendizagem caminharem separados. Ambos se configuram como um processo contínuo de “aprender, ensinar e aprender”, sendo que o termo ensinar não está necessariamente associado às práticas docentes, assim como aprender não está preso às atividades dos alunos. A alternância de papéis entre professores e alunos no processo de construção do conhecimento leva a uma relação escolar intencional e dialógica.

---

O terceiro eixo que justifica que se aprimore o uso dos espaços da web junto a uma TVU é a ênfase no exercício da aprendizagem informal, compreendida, neste estudo, como sendo aquela realizada com os outros e de forma autônoma, podendo ou não estar relacionada ao contexto formal de aprendizagem — escola, trabalho, etc. (VIANA, 2009). É importante perceber que a tendência das práticas educacionais abriga cada vez menos a figura de um professor detedor de conhecimento diante de alunos limitados a receber conteúdo. Esta abordagem remete para um modelo comunicacional de massa um-todos, que vai na contramão de um processo de ensino-aprendizagem eficaz. A busca atual é por uma perspectiva que não esteja centralizada no docente, mas, sim, “em direção a abordagens caracterizadas por uma maior abertura, participação e colaboração entre pares” (ARESTA; MOREIRA; PEDRO, 2011, p. 101).

Ao se pensar a relação educação-cibercultura, é fundamental que se reflita sobre o perfil dos atores envolvidos neste contexto. Tratamos de alunos e professores imersos em práticas sociais inerentes à cultura pós-massiva, que permitem o livre acesso à construção de mensagens e facilitam/intensificam a interação entre pares. A escrita e reescrita em blogs, chats, redes sociais — como Facebook, Instagram, Twitter—, o uso de programas de bate-papo, como o Messenger ou o WhatsApp, e de equipamentos como notebooks, *palms*, celulares e tablets, de alguma forma, confluem para a apropriação destes recursos e da sua linguagem. Oswald e Ferreira (2011) ressaltam que possibilitar que os indivíduos se apropriem destes artefatos está no foco das mediações pedagógicas e que a reescrita nos espaços da web converge para este fim, interferindo, assim, nos processos de ensino-aprendizagem.

É nesse sentido que considerar a mediação dos diversos artefatos digitais que fazem parte dos cotidianos dos sujeitos da educação, dentro ou fora do ambiente escolar, ajuda a pensar a constituição da subjetividade na contemporaneidade e também a construção de conhecimento (OSWALD; FERREIRA, 2011, p. 119).

Desta maneira, cultura digital e cibercultura, que consideramos aqui como diferentes, por entender que a segunda requer conexão à internet, despontam como mediadoras nos processos de ensinar e aprender. Como a discussão proposta nesta pesquisa é referente à apropriação dos espaços da web, enfatiza-se o papel da cultura propiciada pelos usos da internet como propulsora de novos saberes. Assim, a ciberaprendizagem surge como uma aprendizagem possível no ciberespaço, sustentada

---

pelo aparato tecnológico digital, pela conexão em rede e as trocas que este sistema favorece e, aliado a tudo isso, pelo potencial que o jovem traz no sentido de construções nestes ambientes. Nessa perspectiva, Rosa (2011, p. 16) pontua:

A compreensão de que os jovens que frequentam as escolas de hoje nasceram nesse contexto de mudanças impõe investigar sobre os modos pelos quais eles vêm se relacionando com o conhecimento e com a cultura. Que sentidos são construídos nestas relações? Que usos fazem dos novos artefatos tecnológicos neste processo? No entanto, se entendemos que uma pesquisa em Educação tem o compromisso de contribuir para a qualidade da escola, notadamente a pública, investigar esses usos descolados dos processos de ensino-aprendizagem pouco contribuiria para compreendermos as relações entre professores e estudantes, subjacentes a estes processos.

É pela importância de se compreender e de se aproximar o potencial das TIC dos processos de ensino-aprendizagem que se reforça a necessidade de repensar como a educação vem lidando com a realidade que emerge a partir da cibercultura, compreendendo a importância da participação dos diversos atores envolvidos nestes processos no que concerne à construção de conhecimento. Oswald e Ferreira (2011) ressaltam que a relação com os saberes mediada por esta cultura instiga a reflexão em torno dos novos sujeitos que o campo da educação precisa conhecer. Os autores enfatizam a necessidade de entender estes indivíduos e levá-los em consideração ao se criar propostas político-pedagógicas (OSWALD; FERREIRA, 2011).

A agilidade com que os cenários se transformam provoca a reavaliação de valores e premissas relacionados ao desenvolvimento científico e tecnológico. Nesse sentido, a escola tanto sofre, quanto provoca alterações nos âmbitos local, nacional e global, na medida em que permite que ocorra a ressignificação das concepções mecanicistas em torno do pensamento, do conhecimento e da comunicação que envolvem o sistema educacional, assim como as outras instituições sociais e políticas (BONILLA, 2005). Nessa tessitura, reafirmo as ideias de Lemos (2010), ao sugerir que se entenda a virtualização como a instância que permite ler as coisas, mas que é imprescindível que se vá além, problematizando, atualizando conteúdos, escrevendo, produzindo novos materiais a partir de novas concepções.

Nessa perspectiva, tem-se a crítica feita por Bonilla e Picanço (2005) ao modelo educacional da “escola única”, ao modelo de “aula” como única possibilidade de espaço-tempo nas relações entre os sujeitos. Desse modo, as autoras propõem transformar o espaço-tempo educativo em um ambiente permeado por atividades

curriculares, onde se articulam os conteúdos às ações e o saber ao viver — uma postura que requer que se supere a noção de um currículo escolar fragmentado em disciplinas (BONILLA; PICANÇO, 2005). Em síntese, é urgente que se reflita sobre outra relação com o processo de ensino-aprendizagem para além da sala de aula.

Compreender e utilizar criativamente as potencialidades dessas tecnologias favorece a construção, assim como a execução de um sistema de processamento que permite reconstruir a percepção do mundo, os seus agentes e propiciar novos modos de viver, agir e pensar através da alteração de hábitos cotidianos, valores e crenças (FONSECA; COUTO, 2009, p. 481).

No panorama contemporâneo da Comunicação e da Educação, não é mais cabível que se veja a web apenas como local de busca de informações. O espaço de partilha de conhecimento entre todos os utilizadores da web, proposto por Berners-Lee, se tornou, naturalmente, um ambiente de aprendizagem.

Por esta razão, os professores têm a necessidade de desenvolver outras estratégias para ensinar e aprender, de forma a colmatar as necessidades de aprendizagem dos alunos da era digital, desenvolvendo e potenciando as suas competências, inerentes a uma sociedade em rede. Estas mudanças passam pela utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) em contextos de aprendizagem, nomeadamente pelo recurso a ferramentas online (LOUREIRO; BITTENCOURT, 2011, p. 193-194).

À medida que uma TV Universitária possa, de maneira sistemática, favorecer a construção de conhecimento a partir da cultura do ciberespaço, estará fomentando a ciberaprendizagem, aliando-se à cultura da juventude e, ainda, driblando as dificuldades enfrentadas com a difusão de suas produções. Além disso, poderá se firmar como uma televisão na web. Desse modo, é possível afirmar que se estará acompanhando o desenvolvimento técnico de um equipamento que marca a história da humanidade desde os experimentos iniciais, que envolviam cientistas de diversos países em torno de pesquisas que visavam à criação de um meio de comunicação que pudesse aliar imagem e som, transformando para sempre os modos de comunicação entre os homens.

O ciberespaço abre possibilidades e configurações para que as pessoas aprendam e exerçam uma nova pedagogia, com outras relações com os saberes nas quais os sujeitos envolvidos no processo do aprendizado possam ir além do já estabelecido, aventurar-se e experimentar as emoções das descobertas, potencializadas pelo avanço tecnológico e pela ampliação do uso da rede mundial de computadores. Nesse sentido, as pessoas conectadas acessam e vivem os diversos espaços virtuais, estabelecem elos através da rede integrada de saberes, em permanente movimento e criam encontros virtuais e compartilhamento e invenções coletivas (FONSECA; COUTO, 2009, p. 490).

E é com vistas a essa nova pedagogia que temos trabalhado. Em busca de construir novas metodologias de promoção da autonomia dos estudantes integrantes da TV UESC, projeto de extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus-Ba, várias estratégias são acionadas no sentido de estimular uma participação ativa e proativa desses discentes no projeto. Muitas delas originadas pela imersão desses estudantes no universo do ciberespaço e no entrecruzamento de saberes, oriundos da cibercultura, que viabilizam novas dinâmicas criativas desde a chegada do estudante ao projeto.

### **Protagonismo juvenil e autonomia na TV UESC**

O olhar sobre novas experiências educativas já se faz perceptível na fase de seleção para os novos membros, organizada para propiciar que demonstrem suas habilidades e intencionalidades, constituindo-se, por esse viés, como primeira estratégia de promoção de autonomia. Em quatro etapas, são avaliados aspectos quantitativos e qualitativos, que apontam determinados potenciais nos estudantes.

Como primeiro estágio, uma entrevista individual analisa experiências pregressas, pretensões, inclinações e motivações dos candidatos sobre o projeto e o *constructo* videográfico, assim como a função que pretendem exercer. Os avaliadores observam possíveis conhecimentos técnicos e tecnológicos, advindos da cultura digital, além da abertura ao aprendizado manifestado por eles. Na análise do histórico acadêmico, segunda etapa, o foco é a interlocução de conhecimentos disciplinares no desempenho das disciplinas do curso de Comunicação Social, e na compreensão das noções teórico-práticas de produção audiovisual. Num terceiro momento, um plano de trabalho sobre a função escolhida é solicitado. Eles dissertam sobre suas idealizações, expectativas e competências pessoais, podendo propor novos quadros e programas para o canal da TV. E por fim, realizam um exercício prático, a partir de um tema no qual executam a função pretendida. Sete vagas são disponibilizadas em cinco funções: produção, edição, designer gráfico, vídeoreporter, repórter. Habilidades envolvendo os domínios criativos, técnicos, tecnológicos, estéticos e narrativos são observadas, dentro de um prazo pré-estabelecido para a execução do processo.



---

Aqueles que alcançam os melhores resultados são chamados para as vagas. Considera-se esta estratégia de introdução dos estudantes no projeto mais democrática e acessível, pois oportuniza a emersão de várias dimensões do perfil dos graduandos, partindo de seus interesses pessoais e suas motivações individuais. Na concepção freireana, o respeito aos interesses e ideias dos educandos é um imperativo ético na construção da autonomia desses sujeitos (FREIRE, 1996). Nesta perspectiva, estarmos atentos às suas predisposições e inclinações preconiza um caminho para se tornarem indivíduos mais autônomos.

Para além da seleção para preenchimento das bolsas de extensão disponibilizadas, o esquema de voluntariado também é utilizado, viabilizando a entrada de mais estudantes ao projeto. Eles escolhem os dias disponíveis para participarem em atividades que se afinam. Assim, é facultada a todos a garantia de atuação, de maneira horizontalidade, com os mesmos critérios de inclusão dos bolsistas e estagiários.

Para Freire (2005) a horizontalidade das relações interpessoais constitui-se condição fundante da emancipação e transformação dos indivíduos, pois os educandos e os educadores são mergulhados numa lógica em que o conhecimento é compartilhado por múltiplas maneiras de diálogos igualitários, respeitosos e colaborativos, estimulando o vínculo, o cuidado, a afetividade e a solidariedade. O educador torna-se mediador e colaborador da aprendizagem do educando, incentivando-o a buscar o conhecimento a partir dos seus saberes prévios e das potencialidades que eles lhes apresentam, estimulando-os ao protagonismo e à autonomia como sujeitos sociais.

Por conseguinte, ao assumirem seus cargos, os novatos são acompanhados por um componente mais experiente como tutor, familiarizando-os das necessidades e demandas da cadeia produtiva. Este apadrinhamento proporciona maior acolhimento nesses primeiros momentos de aproximação, ambientação e familiaridade ao contexto de interlocução com os outros componentes do grupo e também com vistas à produção audiovisual, minimizando os estranhamentos iniciais.

Para os estudantes mais antigos, o propósito pedagógico emerge na partilha de saberes já adquiridos, auxiliando aos coordenadores e tornando-se também educadores, levando-os a uma maior autonomia. Este aspecto reforça a valorização do conhecimento comum, já que o intercâmbio não fica restrito à figura do professor orientador, mas todos participam do aprendizado coletivo, permitindo ao integrante novato estar mais à



vontade para questionar, pois sente que fala com alguém mais próximo dele como aprendiz. É uma aprendizagem informal significativa que alcança todos os integrantes.

Os bolsistas mais experientes organizam, juntamente com os profissionais da Gerência de Laboratório do Curso de Comunicação da UESC, parceiros da TV UESC, um treinamento técnico ao grupo iniciante. São discutidas noções de câmera, iluminação, captação de som direto e edição de imagens, com dicas, sugestões e referências importantes, para familiarizá-los aos parâmetros técnicos do audiovisual, propiciando-lhes maior segurança no acompanhamento dos propósitos de produção.

Esses estudantes acompanham os núcleos de produção e, com o desenvolvimento de suas atividades, formam próprios núcleos. Esta é outra alternativa de promoção da autonomia do grupo, estimulando-os a assumirem experiências mais complexas e que vão exigir-lhes maior atuação e responsabilizações. O que, para Freire (2005) está na condição ontológica do ser humano: a busca por ser mais, criar mais, aprender mais. Essa dinâmica desafiadora promove a construção criativa dos graduandos em idealizar e viabilizar suas vocações pessoais, assumindo o processo autoral em toda a cadeia produtiva do audiovisual até a divulgação via internet: *Youtube, Instagram, Facebook e Twitter*.

Esse poder de escolha possibilita-os estarem mais mobilizados e atentos aos intentos da produção, assim como serem mais autossuficientes para reordenar o processo coadunando com as condições de trabalho de cada grupo. Prazos são pré-estabelecidos e negociados entre as próprias equipes para que se tenham, continuamente, produções inéditas postadas em dias específicos durante a semana. É um ordenamento mediado pela coordenação em reuniões gerais semanais, além de encontros específicos entre os núcleos realizadores.

Uma vez que a relação dos jovens com o conhecimento não cabe mais em uma perspectiva linear, dadas as múltiplas formas de acesso à informação que encontram com o uso das TIC, não é mais possível deixar que apenas o campo da Comunicação se preocupe com as discussões em torno deste cenário, mas, sim, que a Educação esteja inserida como parte fundamental neste debate.

Nesta configuração, criou-se uma diversidade de produções videográficas, de vários gêneros e formatos, que se misturam entre não-ficcionais e ficcionais. Programas de cunho jornalísticos como “Pratos Baianos”, relacionado à culinária regional,

mostrando a execução de receitas de pratos típicos baianos, vinculando-os aos aspectos culturais, históricos e identitários, discutidos por estudiosos e especialistas. O “Mar de Gente”, entrevistando personalidades locais e nacionais de diversas áreas de conhecimento. Escritores, artistas, educadores, dentre outros, abordam suas trajetórias de vida, contribuições e legado para a cultura e desenvolvimento regional. O “Na Ativa”, direcionado aos interessados por esportes em geral, com desportistas e atletas de várias modalidades discorrendo, de maneira descontraída e dinâmica, sobre suas práticas esportivas, suas trajetórias, benefícios e dificuldades no cotidiano esportivo. O hibridismo de linguagens dá a tônica do programa, endereçado ao público mais jovem, numa construção estética mais voltada ao experimentalismo.

Também se compõem séries de reportagens, de interesse público e da comunidade acadêmica, com enfoques alargados interrelacionados à cidadania e bem-estar social. Não são enquadradas dentro de um quadro específico, mas dimensionadas para serem exibidas sequencialmente. Matérias Diversas (MD) é a denominação de reportagens unitárias sobre assuntos baseados em eixos temáticos como meio ambiente, identidade e diversidade cultural, gênero, direitos, cidadania, temas relacionados ao cotidiano universitários voltado aos três segmentos acadêmicos: ensino, pesquisa e extensão, e para a comunidade acadêmica (estudantes, professores e funcionários).

Do gênero videoarte, aparece o Provocarte, voltado para a adaptação de poemas de estudantes universitários para o audiovisual. Nele, predomina a interpenetração de linguagens, para que novas interpretações e sensibilidades proporcionem identificação e reflexão nos receptores. As temáticas buscam valorizar a produção artístico-literária dos discentes da UESC. A série Nerd Vigilante, sobre cultura pop e cibercultura, é dirigida ao público fã da ficção científica, das histórias em quadrinhos, das inovações tecnológicas e científicas. A partir de uma miscelânea de recursos audiovisuais e informacionais, apresenta-se como um documentário estilizado no qual um narrador vai discutindo ideias, teorias, novidades e posicionamentos sobre temas relacionados ao mundo *nerd* e *geek*. Já o De Carona com a sua História são curtas metragens baseados em histórias reais enviadas por estudantes da própria universidade. Nela, priorizam-se situações engraçadas e inusitadas vividas na universidade pelos estudantes que são adaptadas para comédia. Convidados contam suas histórias, reconstituídas em sequências num tom cômico e irreverente. O Plugin, em formato *sitcom*, segue também a veia humorística e traz episódios inusitados vividos no cotidiano dos jovens.

---

Várias aprendizagens informais são adquiridas no contato com esse cotidiano regional, em suas produções externas, convivendo com entrevistados, personagens e colaboradores, tanto em termos de conteúdo das temáticas desenvolvidas, quanto pelas histórias de vida que conhecem e compartilham, de maneira não sistematizada e espontânea.

Assim, a equipe precisa lançar mão de competências e habilidades para viabilizar suas produções, perpassando demandas artísticas, tecnológicas, técnicas, criativas e logísticas. Isto exige pesquisa, diálogo, colaboração, dedicação, curiosidade, motivação, empenho, compromisso, responsabilidade, proatividade, profissionalismo e criatividade crescentes, exercitando constantemente a autonomia, autoconfiança e liberdade de realização. Os dilemas e problemas que aparecem no percurso precisam ser resolvidos por eles mesmos, mediados pelos coordenadores, exercitando o poder de decisão de todos. Vale ressaltar que os estudantes podem participar de mais de um núcleo de produção, caso desejem, potencializando seus conhecimentos em várias frentes de trabalho. Essa estratégia é pensada para viabilizar aprendizagens informais, ampliadas e múltiplas dos futuros profissionais.

Além das produções feitas no âmbito local, parcerias com outras universidades e também com TVs Educativas proporcionam uma aprendizagem informal significativa para os integrantes da TV. Como no caso do Canal Futura, onde várias produções da TV UESC foram exibidas ao longo dos treze anos de cooperação de conteúdo. Um bom exemplo foi o especial Sou Cultura Afro, colaboração entre a TV UESC e UERNTV, televisão universitária da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, da cidade de Mossoró em meados de 2017.

Nesta co-produção, quatro grandes reportagens foram feitas abordando diversas manifestações culturais afrodescendentes do sul da Bahia para serem exibidas na grade de programação do Futura. Foram momentos de intensos aprendizados para todos os participantes, numa produção robusta envolvendo dezenas de pessoas dentre professores, técnicos e estudantes, responsáveis pela viabilização de toda a pré-produção e produção dos episódios. Aquela foi uma oportunidade de empoderamento, amadurecimento e autonomia da equipe, que esteve ativa e envolvida durante todo o processo, transitando entre as quatro cidades nas quais aconteceram as gravações, ao longo de dez dias seguidos.

---

Ainda fruto da relação com o Canal Futura, o Geração Futura é mais um espaço informal de atuação para esses discentes. São oficinas oferecidas aos estudantes do curso de Comunicação Social das universidades parceiras do canal. Oportunizam-se intercâmbios profícuos no campo do audiovisual na sede da emissora, no Rio de Janeiro, tanto entre os estudantes e profissionais renomados, como do alunado entre si. Por várias edições do evento, bolsistas da TV UESC se destacaram durante o encontro, a ponto de serem chamados como monitores e oficinairos de outras turmas, em anos posteriores. Ao retornarem, percebe-se mais proatividade e motivação nesses alunos, munidos de ideias renovadas e sugestões para melhoramento das ações desenvolvidas pela TV, comprovando a eficiência dessa oportunidade de exercício de autonomia e protagonismo.

Aos coordenadores cabe o papel de mediadores e moderadores desse processo dialógico, orientando de perto todo o percurso, viabilizando estratégias e reavaliando os melhores encaminhamentos no processo produtivo. E este deve ser o papel preponderante do educador, abrindo espaço para a dialogicidade verdadeira com a qual “sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos” (FREIRE, 1996, p. 25).

Nos caminhos inovadores dessa atuação, novas frentes de trabalho aparecem, sob a iniciativa desses próprios componentes do projeto. Isto vem sendo viabilizado, recentemente, pelas *lives* no *Youtube* e *Instagram*, que tem sido utilizadas no acompanhamento de acontecimentos de grande interesse da comunidade acadêmica, como foi o caso da greve dos professores da UESC, que transcorreu ao longo dos meses de abril a junho de 2019, paralisando todas as universidades estaduais baianas.

Um dos bolsistas se interessou em organizar tecnicamente e coordenar essas transmissões ao vivo das assembleias docentes. Pela primeira vez essa iniciativa seria implementada na TV UESC. Mesmo com a inexperiência da equipe, todos se mostraram muito comprometidos e engajados para levar a cabo a ideia, já que queriam ter maior alcance de público e dar maior visibilidade ao desdobramento da questão via redes sociais, pois sabiam que teriam possibilidade de boa repercussão pelo público. No acompanhamento desse processo, foi notável a autonomia e confiança dos estudantes, na busca de resolução das questões que se apresentavam. As transmissões foram bem sucedidas, com um significativo engajamento por parte dos internautas, com

comentários positivos, o que deixou toda a equipe bastante satisfeita e motivada para continuar realizando este tipo de transmissão, demonstrando protagonismo e empoderamento, pois não se intimidaram com as adversidades vividas. Importante acrescentar que é de responsabilidade também de bolsistas a criação de materiais e a gestão das redes sociais do projeto, aproveitando um saber próprio do grupo e potencializando-o com demandas profissionais para que a TV esteja alinhada às mídias e ao público contemporâneos.

Outro âmbito promissor para aprendizagens informais e difusão do conhecimento são as oficinas e treinamentos sobre produção videográfica que esses estudantes realizam como monitores. Por diversas ocasiões, o projeto foi convidado a promover esses cursos em vários espaços educativos dirigidos a estudantes e professores do ensino fundamental e secundário, de escolas públicas e particulares. São experiências de interlocução com outros espaços educativos, nos quais esses graduandos compartilham, de maneira sistematizada, os conhecimentos sobre formação audiovisual adquiridos no cotidiano do projeto e ao longo do curso, principalmente no que tange às suas funções. Da posição de educandos, passam a educadores, sendo reconhecidos e valorizados como tal.

Mesmo que inseguros, em princípio, buscam se entrelajar, organizando-se em duplas e trios, trabalhando colaborativamente. Surge daí um forte sentimento de apoio mútuo, vínculo, cuidado, autoestima, confiança em si mesmos e nos colegas, pois reconhecem que tem potencial para compartilhar saberes com outros educandos. Esta iniciativa é amplamente incentivada em todas as oportunidades. Assim como também acontece nas apresentações orais em eventos de diversas áreas, como em seminários e simpósios extensionistas, nos quais eles apresentam seus relatos de experiência sobre seus feitos no projeto, tendo projeções em nível nacional.

### **Algumas considerações**

Todas essas iniciativas podem ser compreendidas como uma transgressão ao encastelamento do saber proposto tradicionalmente pelos cânones acadêmicos. A noção arraigada de que o saber é circunscrito aos conhecimentos de docentes qualificados. É evidente a necessidade de uma provocação no rumo de uma transmutação do conhecimento universitário, entendido como disciplinar, hierárquico e homogêneo, e

---

cuja autonomia descontextualiza-se em relação ao cotidiano social. Como caminho, temos o conhecimento pluriversitário, voltado para a relação contextual de construção de conhecimento e gerado em função da aplicabilidade que este terá, baseado numa perspectiva de diálogo de saberes e da transdisciplinaridade, para além das disciplinas acadêmicas (SOUSA SANTOS, 2010).

Esse entrecruzamento se dá entre quem o elabora e quem se utiliza dele, num movimento em que a sociedade interpela a academia. É uma perspectiva mais extensionista e democratizante da construção do conhecimento, um conhecimento pluriversitário, que ultrapassa a hegemonia científica e racional, e interage com os saberes populares, subjetivos, culturais, tradicionais etc. Dessa forma, o conhecimento científico é confrontado com outros parâmetros, e isso exige mais responsabilidade social das universidades, pois devido à sua relação indissociável com a comunidade externa, uma das razões da sua existência.

Nos pressupostos freireanos, essa é uma educação que precisa ser problematizadora pelo caráter de impermanência dos homens, mergulhados no aqui e agora e partindo da reflexão dessa realidade para o seu desvelamento. É no processo reflexivo, praxiológico e de conscientização do mundo imerso nele, que se dá concomitantemente. Para isso, só podem haver transformações que conscientizem os homens de quem eles sejam verdadeiramente e que os libertem e possibilitem sua autonomia (FREIRE, 2005). Assim, a liberdade é compreendida como a possibilidade de escolhas na concretude da vida, nas situações vividas, no reconhecimento de que o ser humano não é livre de condições, mas para se posicionar, apesar das condições (AQUINO, 2011).

É o que Freire (2005) dimensiona como consciência e busca por transformação individual e coletiva. E é o que acreditamos que deva ser a concepção de educação, principalmente a universitária, na contemporaneidade. Acrescentamos aqui a necessária compreensão do potencial trazido pelo jovem que cresceu envolto pela cibercultura e que está ao lado do professor na construção de saberes, como também protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

- 
- ARESTA, Mónica; MOREIRA, António; PEDRO, Luís. Comunicação e Colaboração em Contexto Educativo: o trabalho colaborativo no Mestrado em Multimédia em Educação. In: DIAS, Paulo; OSÓRIO, José António. **Aprendizagem (In)Formal na Web Social**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2011.
- BONILLA, Maria Helena. A Práxis Pedagógica Presente e Futura e os Conceitos de Verdade e Realidade frente às Crises do Conhecimento Científico no Século XX. In: PRETTO, Nelson De Luca. **Tecnologia e Novas Educações**. Salvador: EDUFBA, 2005. (Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, vol. I).
- BONILLA, Maria Helena; PICANÇO, Alessandra de Assis. **Construindo Novas Educações**. In: PRETTO, Nelson De Luca. **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005. (Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, vol. I).
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.
- FONSECA, Dayse. COUTO, Edvaldo Souza. **As Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação Inicial do Professor**. In: TENÓRIO, Robinson;
- FORT, Mônica Cristine. **Televisão Educativa: a responsabilidade pública e as preferências do expectador**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LEMOS, André. **O que é Cibercultura?** Trecho do debate Educar na Cultura Digital. Bienal de São Paulo. São Paulo, nov. 2010. Disponível em:  
<http://www.youtube.com/user/educarede/search?query=andr%C3%A9+lemos+cibercultura>  
Acesso em: 28 jun. 2019.
- LOUREIRO, Ana; BITTENCOURT, Teresa. **Construção e Partilha de Conhecimento em Ambientes Virtuais** – influência das relações interpessoais. In: DIAS, Paulo; OSÓRIO, José António. **Aprendizagem (In)Formal na Web Social**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2011
- OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. **Educação e Cibercultura: novos objetos e novos sujeitos culturais, novos modos de aprender e ensinar**. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção (Org). **Escola, Tecnologias Digitais e Cinema**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.
- SANTOS, Carlos. Sapo Campus – plataforma integrada de serviços Web 2.0 para Educação. In: DIAS, Paulo; OSÓRIO, José António. **Aprendizagem (In)Formal na Web Social**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2011.
- SOUSA SANTOS, B. D. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo; Editora Cortez, 2010.